Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Funk Proibidão: táticas de resistência em uma perspectiva comunicacional [1]

Funk Proibidão: tactics of resistance in a communicational perspective

Luísa Schenato Staldoni

Palavras-chave: Funk Proibidão; Midiatização; Circulação.

1 FUNK PROIBIDÃO: SITUANDO BREVEMENTE O OBJETO DE ESTUDO

O Funk Proibidão é um subgênero do Funk carioca que retrata de maneira explícita o estado de abandono e violência vivenciados nas comunidades periféricas, refletido em um discurso que busca explicitar as relações de poder que permeiam esse contexto: relações entre os criminosos (especialmente no contexto das facções); os moradores das comunidades; os moradores de fora das comunidades ("do asfalto"); o Estado e a violência e opressão policial. Tais relações de poder que se formam no cotidiano militarizado e violento das comunidades caracterizam o que diferencia um Funk Proibidão de um Funk de outro subgênero (PALOMBINI, 2014; 2016).

Dessa forma, o Proibidão traz à tona o embate entre práticas estatais de repressão e controle e o poder dos bandidos. Em meio a essa situação de guerra o Proibidão estabelece ressignificações criativas na construção de suas narrativas, gerando

[1] Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

dicotomias e espaços de "moral nebulosa" a partir das noções de autorizado/proibido, bem/mal, morador/bandido, aliado/inimigo, etc. Assim, entendemos que: "por ser um "narrar da guerra", essas dicotomias parecem não dar conta da realidade que se propõem a pensar, o que parece levá-los a uma reflexão densa sobre a polissemia do poder e suas atualizações no cotidiano" (NOVAES, p. 102, 2016).

Outro ponto importante é que tal estilo é formado por elementos musicais e identitários diversos e, por vezes, experimentais, se configurando uma cultura bastante complexa e de difícil apreensão. Como afirma Lopes (2010, p. 21), o Funk, de forma geral, é "criativo e estratégico, mas é também vulnerável", pois origina-se nas camadas mais populares da população e, por conta disso, enfrenta repressões do estado e sucessivas tentativas de censura e criminalização. Além disso, é afetado por dinâmicas de mercantilização da indústria musical, sendo homogeneizado, "pasteurizado" e transformado em algo mais "palatável" aos ouvidos das classes médias (LOPES, 2010). Sem dúvida o Proibidão é um dos subgêneros mais afetados por esse processo, sendo perseguido e diminuído, por vezes, dentro do próprio movimento Funk.

O Proibidão é também marcadamente dicotômico e faz uso de muitos jogos semânticos. Estilos de música feitos para e nas periferias (como o Proibidão), "brincam" com o imaginário social de "quem é" e de "como é" o bandido, o traficante, o "fora da lei". Nesses estilos é muito comum que os músicos interpretem esse papel, seja através de uma identificação visual ou seja por meio do uso de armas de fogo. É como se esses artistas se fantasiassem de bandidos, ou, pelo menos, do que socialmente é entendido como tal. Por vezes é uma tática para "relatar a realidade", para tornar isso visível. Outras vezes é uma espécie de deboche, já que no senso comum existe uma ideia de que todo o morador de favela, o negro, o pobre é bandido. O senso comum também comumentemente associa o homem negro, a cultura negra ao banditismo. Como reitera Lopes (2010, p. 22):

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

> O funk entra na classificação dicotômica que, mais do que revelar uma qualidade intrínseca à produção cultural, serve para mapear as performances culturais negras dentro de uma perspectiva burguesa, na qual a alteridade é posta em seu devido lugar, ou seja, é constituída sempre pelo adjetivo que carrega o traço negativo desses binarismos hierárquicos. Mas o funk é contraditório e tira proveito até mesmo dos estereótipos e de tudo aquilo que se acumula como "lixo" e "vulgar" na cultura moderna.

Por conta da temática retratada nas letras (criminalidade, violência, citação direta a determinadas facções, etc) os trabalhadores desse subgênero só conseguem divulgar suas músicas através dos bailes funk ou pela internet (YouTube e redes sociais), onde criam um circuito de produção e distribuição independente baseado na autogestão. Ou seja, é cultura musical, de certa forma, marginalizada que está plenamente inserida no contexto da midiatização e se apropria dessa lógica para existir. Por isso, consideramos relevante seu estudo na perspectivava da comunicação/circulação.

Nesse cenário, levantamos como hipótese inicial[2] que Funk — como um todo, não só o Proibidão — transita entre afetações que partem "de fora" do estilo (indústria fonográfica, criminalização, preconceitos para com o estilo etc). Desse modo, nos parece que é, por um lado, absorvido, "suavizado", poderíamos dizer até "embranquecido" e mercantilizado pela indústria cultural; por outro, cria espaços independentes de produção e consumo, acionando lógicas comunicais próprias que são resistentes — ou tentam ser — à essas afetações. Inferimos que subgêneros como o Proibidão se configuram de forma muito potente nesse sentido.

[2] Salientamos que este artigo faz parte de um projeto de tese, sendo um recorte de uma pesquisa mais ampla.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS: O PROIBIDÃO EM CIRCULAÇÃO

Diante dessas características particulares do estilo e a partir de nossa hipótese inicial, situamos nosso objeto dentro das discussões acerca da midiatização e, mais especificamente, da circulação. Por midiatização entendemos que esta pode ser referida como um momento de transformação profunda da sociedade, o que configura uma nova forma de viver e de ser no mundo (GOMES, 2016). Nesse sentido, a partir de Fausto Neto (2010; 2018), pode-se perceber que existem contextos de mutações atravessando aspectos sociais, técnicos e culturais e que o campo da comunicação tem assumido um papel central no tecido social, constituindo seu próprio modo de "falar". Assim, a comunicação se expande, ultrapassa as próprias fronteiras e é apropriada por outros campos afetando as lógicas de funcionamento dos mesmos.

Por esse ângulo, compreende-se que as estruturas mais sólidas dos campos sociais vão se enfraquecendo e que estes "avançam" misturados. Isso decorre do fato de que as fronteiras estão diluídas e as lógicas midiáticas perpassam todas as esferas sociais potencializadas pelos fenômenos midiáticos, ou seja, pela capacidade de exteriorizar pensamentos, por conseguinte, comunicar por meio de tecnologias e dispositivos (VERÓN, 2013). Rosa (2017), complementa essa noção:

> [...] A midiatização é entendida [...] como uma articulação entre os processos sociais e midiáticos que se realiza no âmbito dos dispositivos midiáticos, sendo que para Ferreira (2007) os dispositivos agem como locais de intersecção. [...] Isto porque a outra forma de se pensar a comunicação, entendendo que estamos diante de um processo histórico, que se desenvolve com o próprio homem, mas que se acentua a partir do século XX, principalmente, com a ampliação das formas de acesso e com o fato de que a cultura da mídia se expande para todo o tecido social. A cada dia, observa-se com mais intensidade o domínio das lógicas midiáticas que implicam em usos, práticas de meios e até mesmo na consolidação de apropriações (PROULX, 2014) através das tecnologias. (ROSA, 2017, p. 4 - 5).

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Dentro da concepção de midiatização a circulação deixa de ser entendida como um momento da mediação, afinal não pode ser reduzida a um diagrama linear. É uma processualidade que passa por articulações de ordem social, técnica e comunicacional; envolvendo dispositivos, indivíduos e instituições (FERREIRA, 2013). Fausto Neto (2010) ressalta que a circulação pode ser entendida como uma zona de indeterminação onde "A soberania das gramáticas – em produção e em reconhecimento – teve suas marcas dissolvidas pela força de co-enunciações que se constituem no contexto (e pelos efeitos) deste novo dispositivo circulatório" (FAUSTO NETO, 2010, p. 9). Avançando nessa perspectiva Fausto Neto afirma:

> A circulação desponta como um território que se transforma em lugar de embates de várias ordens, produzidos por campos e atores sociais. Aqueles motivados por causas que, ao se apropriar de processos – tecnoenunciativos midiáticos –, visam o acesso ao âmbito da circulação [...]. (FAUSTO NETO, 2013, p. 51).

Essa "zona de embates" é claramente identificada no Proibidão quando as músicas passam a "circular" livremente na internet. Nesse momento, narrativas (da realidade das favelas, bem como contradições e dicotomias acerca da vida dos varejistas de entorpecentes) que antes eram restritas às comunidades "descem para o asfalto" e passam a gerar conflitos entre os artistas e forças repressivas. A utilização de códigos próprios dos traficantes ou denúncias de abuso policial são vistas como associação direta ao crime por parte do estado e da mídia corporativa, que começam um processo de "criminalizar a cultura Funk e todas as sociabilidades juvenis comuns entre jovens moradores de favelas" (NOVAES, 2016, p.61). Dessa forma, quanto mais o Proibidão circula, mais tentam reprimi-lo, silencia-lo.

Derivado da concepção de circulação, Braga (2012) identifica um "fluxo adiante", a circulação indo além do processo linear entre o polo produtor e o receptor.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Tal fluxo ocorre quando o receptor "faz seguir adiante" a mensagem, seja por meios tecnológicos ou não. A manifestação deste "fluxo continuo" é denominada por Braga como circuito, espaços de fala e escuta, preenchidos de sentidos.

> Encontramos uma circulação em fluxo contínuo, relacionada à geração de circuitos complexos – em dois sentidos: pela variedade de ambientes atravessados; e pela diversidade de processos, meios e produtos articuláveis ao circuito. Os circuitos mais marcados pela midiatização da sociedade atravessam os campos sociais estabelecidos, abalando sua capacidade de refração e o desenho de sua esfera de legitimidade. Em tais circuitos, aparece frequentemente um foco no polo receptor, produzindo o que chamamos de "contrafluxo de escuta". (BRAGA, 2012, p. 48).

Desse modo, Braga (2017) afirma que após a apropriação de sentidos de uma determinada mensagem pode-se colocar para "circular" uma resposta, independente do retorno imediato. Tal resposta vai seguindo adiante em processos diferidos e difusos, complexificando a própria mensagem original e criando mensagens derivadas. Por exemplo, no Proibidão esse processo pode ser claramente observado nas inúmeras versões, mixagens e montagens feitas por fãs para as músicas.

Assim, buscamos com este artigo compreender as interações nos circuitos do Proibidão, observando suas práticas no âmbito da circulação midiatizada. Esses são aspectos que consideramos produtivos para uma investigação aprofundada da problemática da midiatização e da circulação do estilo.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

3 PERCUSRSO METODOLÓGICO

Para delimitação do *corpus* o presente artigo se propõe a analisar a circulação de músicas de Proibidão no Youtube e no Twitter, são elas: "Na faixa de Gaza Parte 2[3]" (2013) do MC Orelha e "Homenagem pra tropa do Rodo[4]" (2018) do MC Poze do Rodo. A análise será feita a partir da concepção de Análise Performativa, descrita por José Luiz Braga (2010). Tal técnica pode ser definida como:

> O que caracteriza uma análise performativa é estudar sistematicamente as relações que o objeto constrói e entretém com seu contexto, assim como as ações realizadas pelo texto ou pelo produto midiático nas dimensões explicitamente definidas pelo problema de pesquisa que esteja em construção. (BRAGA, 2010, p.09).

Esse processo é composto por dois níveis: um, onde se observa as ações internas do objeto e o outro onde se observa as ações que este objeto realiza, bem como as relações que constrói com seu contexto (ações externas). Cada um desses níveis possui parâmetros específicos a serem analisados. Esses parâmetros foram construídos, inicialmente, para análise de artigos acadêmicos da área de comunicação (conforme pesquisa desenvolvida por Braga naquele momento), mas o objetivo é que a tática possa ser aplicada a qualquer objeto, seja ele um texto, um filme ou uma música.

Através da análise performativa, buscamos compreender o que as obras escolhidas "fazem", através do que "dizem" ou "mostram" (BRAGA, 2010). Tal estratégia vai nos permitir observar os fatores os signos que ali circulam e as narrativas

[3] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rwgmgaR-nCc. Acesso em: 20 jan. 2020.

[4] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z-4lhwwJznI. Acesso em: 20 jan. 2020.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

utilizadas. Além disso, a análise performativa prevê identificar os fatores contextuais que incidem na obra (Vetores a montante) e o que "sai" da obra e volta para o contexto (Vetores a jusante). Tal abordagem evidencia a preocupação com o que está circulando.

Referências

BRAGA, José Luiz. Análise performativa – cem casos de pesquisa empírica. In: Braga, José Luiz; Vassallo de Lopes, Immacolata, Martino, Luiz Cláudio (orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação.** São Paulo: Editora Paulus, 2010.

BRAGA, José Luiz. Circuitos da Comunicação. In: BRAGA, José Luiz et.al. **Matrizes Interacionais** - a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande: EDUEPB, 2017. p. 43-64.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs.) **Mediação & midiatização**. 1. ed. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPÓS, 2012.

FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, Sandra. (Orgs.). **Mediatización, sociedad y sentido**. 1ed. Rosário: Departamento de Ciencias de la Comunicación - UNR, 2010, v. 1, p. 2-17.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. In: **Revista Rizoma**. v. 6, n. 2, p. 8-40, 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/13004/7731>. Acesso em: 10 jan. 2020.

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições?. In: Braga, José Luiz; Ferreira, Jairo; Fausto Neto, Antônio; Gomes, Pedro Gilberto. (Org.). **10 Perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. 1ed. São Leopoldo: Unisinos, 2013, v. I, p. 140-155.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

GOMES, Pedro Gilberto. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. **Revista FAMECOS**, v. 23, n. 2, p. ID22253, 21 mar. 2016. DOI: https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.2.22253.

LOPES, Adriana Carvalho. **Funke-se quem quiser:** no batidão negro da cidade carioca. Rio de Janeiro: Bom Texto Editora, 2010.

NOVAES, Dennis. **Funk Proibidão:** Música e Poder nas Favelas Cariocas. 2016. 140f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

PALOMBINI, Carlos. Musicologia e Direito na Faixa de Gaza. In: BATISTA, Carlos Bruce (Org.). **Tamborzão**: olhares sobre a criminalização do funk. E-book. 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/29110737/_Musicologia_e_Direito_na_Faixa_de_Gaza>. Acesso em: 15 dez. 2019.

PALOMBINI, Carlos. Proibidão, produção musical e pop funk: cronologia sucinta. 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/25353868/_Proibid%C3%A3o_produ%C3%A7%C3%A3o_musical_e_pop_funk_cronologia_sucinta>. Acesso em: 15 dez. 2019.

ROSA, Ana Paula da. Circulação como valor: a vida póstuma das imagens transformadas em símbolos. In: FERREIRA, Jairo; BRAGA, J. L; FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto; ROSA, Ana Paula da (Orgs.). **Entre o que se diz e o que se pensa**: onde está a midiatização?. 1ed.Santa Maria: Editora UFSM, 2017, v. 1, p. 119-136.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social 2**. Ideas, momentos, interpretantes. Buenos Aires, Paidós. Planeta, 2013.